

Visão da semana: 12 JUL 1992 mais um 'pacote' incompleto

Depois de muita expectativa, fomentada principalmente pelo governo, foi desembrulado o famoso "pacote" de medidas destinadas a estimular imediatamente a reativação da economia. Não conteve aquilo que quase todos julgam necessário, para não dizer inadiável: a desindexação. Ao que tudo indica, as provisões neste sentido ficaram para mais tarde, caso contrário, tem-se a sensação de que as autoridades confeccionaram uma autêntica bomba-relógio, prestes a explodir, mas fora de seu controle.

É inegável que várias das medidas tomadas atacam de frente algumas das principais raízes do agudo processo inflacionário. Todas aquelas relativas à retirada de subsídios faziam-se imperativas há muito tempo, mormente quando existe um consenso apreciável sobre o fato de que é o déficit público que mais vinha pressionando a disparada dos preços.

O que se espera a curto prazo é que estas medidas finalmente favoreçam uma redução das taxas de juro, algo que a maxidesvalorização em fevereiro não logrou alcançar. No entanto, o problema crucial, que é a desindexação, não pode deixar de ser franca e definitivamente abordado pelo governo, caso este não deseje ver anulados os efeitos positivos que o "pacote" implica, mesmo considerando-se que a retirada dos subsídios na agricultura gerará imediatamente um impacto alista nos preços.

Todo o noticiário econômico da semana foi ofuscado pela espera dessas medidas, que o governo adiou de quarta para quinta-feira passada, o que não deixou de agitar ruidosamente todo o mercado, entre aqueles costumeiros rumores que antecedem tais decisões. Mesmo assim, vale lembrar uma boa notícia na área do comércio exterior, onde a balança comercial conseguiu registrar um saldo positivo de US\$ 671 bilhões no mês de maio, perfazendo um acumulado de US\$ 2,121 bilhões desde o início do ano, tornando mais real a perspectiva do saldo de US\$ 6 bilhões até dezembro. Resta ver se este saldo será efetivamente suficiente, em face das crescentes necessidades de recursos externos de que parece necessitar a economia.

Com efeito, as próximas semanas deverão trazer novidades interessantes neste sentido, com a vinda da missão do Fundo Monetário Internacional e com as esperadas definições sobre a coordenação da captação de recursos no Exterior por intermédio do advisory committee criado nos Estados Unidos.

Internamente, as autoridades não conseguiram dirimir as ambigüidades de seus objetivos no que tange ao Sistema Financeiro da Habitação. As recentes modificações desagradaram de maneira generalizada os mutuários, na medida em que não chegam a ser beneficiados se adotarem o critério da semestralidade. Tampouco ficou explicada a adoção de uma sistemática particular para os funcionários públicos. O mesmo clima de incerteza voltou a abalar o Proálcool, agora em função de temores por parte dos empresários da indústria automobilística, de que os carros a álcool prejudiquem demasiadamente as vendas dos modelos a gasolina.

Em síntese, o aspecto positivo da semana foi sem dúvida o fim das expectativas sobre o "pacote". Cabe agora esperar que a sociedade consiga ajustar-se a essa correção de rumo. Isto não significa que as dificuldades cessaram, muito pelo contrário. Os problemas relativos à área externa não tiveram seu grau de intensidade amenizado. Um sinal importante disto estará certamente presente nas considerações que o FMI fará a respeito do pacote. O fundamental é supor que agora o governo não permanecerá passivo quanto à questão da desindexação, caso contrário o País terá sido novamente abalroado por um objeto economicamente não identificável, um "pacote" inócuo e vazio.